

Hotéis

SERRA NEGRA

S. Negra

Auto-Tour

Convênio com o clube da 3ª Idade
100.000 m² de áreas verdes, 100 Apartamentos - Quadras de Tênis, Futebol de Salão, Basquete, Bocha, Vôlei - Salões de Jogos, Sinuca, Rebolim, Ping Pong, Jogos Eletrônicos - Piscina, Sauna, Restaurante, Play-Ground - Sala de Convenções. Temos convênio com o Clube da 3ª Idade. Monitoria. Descontos de até 50% inclusive nas Férias - Rodovia Serra Negra / Lindóia, Km 157 - Fone: (0192) 92-2011 - São Paulo (011) 826-3122

Chalé Serra Negra
REFUGIO Hotel Fazenda

- Amplos Chalés com Varanda
- Piscina e Bar e Lagoa de Pesca
- Comida Caseira em Fogueira à Lareira
- 20 Alqueires de conforto e Sossago

- Pousada Chalés

Res. 36-9886 (SP) e 453-0577 (ABC)
Inf.: 814-4833 (SP)

Praia ou Campo?

As sextas-feiras a "dica" certa no

SUPLEMENTO DE TURISMO

POUSADA DA SERRA

Hotéis Campestre Serra Negra - SP (Bairro dos Francos)

Apartamentos para Férias e Fins de Semana e Piscina, Restaurante, American-Bar, Salão Jogos, Filmes, Play-Ground, e música ao vivo.

RESERVAS: (0192) 92-2798
PROMOÇÃO DE INAUGURAÇÃO
Disponíveis de vagas p/Natal e Reveillon

HOTEL FAZENDA

CHALÉS ESTÂNCIA

SÃO MATHEUS

FÉRIAS - FINS DE SEMANA
LUA DE MEL - TEMPORADAS

Espectacular • Maravilhosa
HOTEL FAZENDA (piscinas, salão de jogos, TV, churrasqueiras, cavalos, pesca).

Alimentação farta e sadia.
RESERVAS: S. Paulo: Fones: 250-2584
e 261-9476 - Serra Negra: (0192) 92-2023

Os Peraltas garantem sua segunda lua-de-mel.

Os Peraltas são um grupo de jovens especializados em recreação infantil. Suas crianças vão adorá-los. Enquanto isso, você tem a tranquilidade necessária para viver uma nova lua-de-mel.

Este é mais um serviço do seu Hotel Pavani, que oferece, ainda, o prazer das piscinas, jogos diversos, cinema, restaurante, american-bar, o clima, a tranquilidade e todas as mordomias de um 4 estrelas tamanho família.

Reservas: HOTEL PAVANI
Um 4 estrelas tamanho família
Rua Pedroso Alvares, 1.111
Tels.: (011) 883-4700 (São Paulo)
(0192) 92-2000 (Serra Negra)

Desconto para crianças

CHALÉS HOTEL FAZENDA VALE DO SOL

SERRA NEGRA S.P.

NÓS CONSTRUIMOS AQUILO QUE VOCÊ E SEUS FAMILIARES PLANEJAVAM PARA SUAS FÉRIAS - TEMPORADAS - LUA DE MEL - FINS DE SEMANA

- CONVENCÕES • CONGRESSOS • REUNIÕES
- Salão de estar • 10 piscinas, sendo 4 aquecidas e cobertas • Sauna úmida e Finlandesa
- Restaurante internacional • Alimentação farta e sadia oriunda da própria fazenda • Água de nascente em todos os Chalés e Apartamentos
- Torre do Sol • Cidade da Criança • Salões de Jogos • Bilhar • Pimbolim • Ping Pong • Cinema 35 mm • Salões de TV • Estádio de Futebol
- Campo de Futebol para crianças • Futebol de Salão • Quadra de Basquete e Voley • Quadra Gigante de Xadrês e Dama • 3 Quadras de Tênis Fast (Paredão) • Pista de Atletismo Oficial de 400m • 2 Quadras de Tamboreu • Cavalos
- Lagos para pesca

TODOS APARTAMENTOS E CHALÉS COM GELADEIRA.

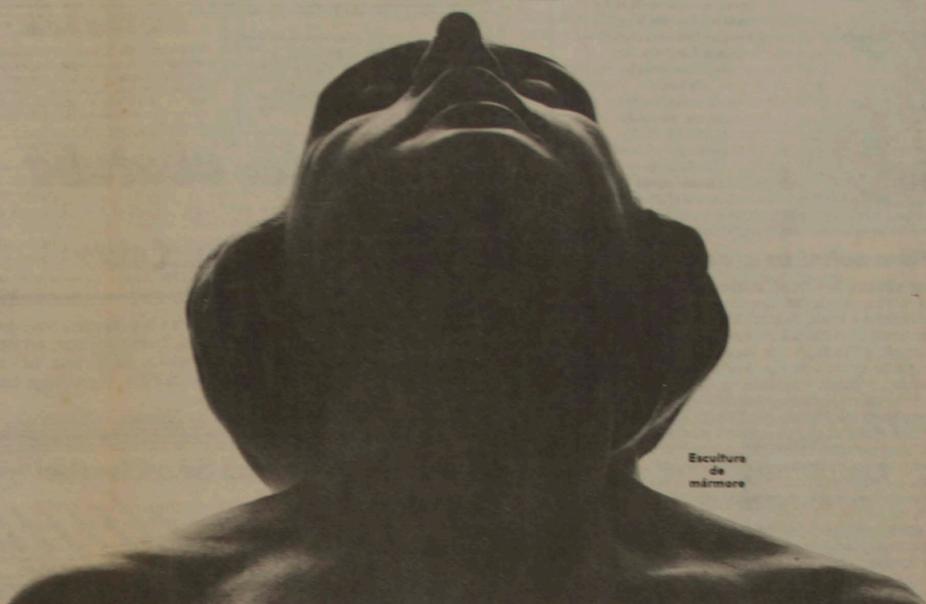
GENIAL! DIFERENTE! INESQUECÍVEL!

RESERVAS EM SÃO PAULO - TELEFONE: 257.3955
RESERVAS EM SANTOS - TELEFONE: 34.6552
FAZENDA VALE DO SOL - TEL: (0192) 92.3500

Arte

Os dois tempos da Pinacoteca

A Pinacoteca do Estado já foi símbolo de retrocesso artístico, mas hoje procura estar na vanguarda dos acontecimentos do século XX



Escultura de mármore

Lá pelos fins da década de 60, quem passasse pelos lados da Estação da Luz, em São Paulo, certamente olharia para o grande edifício de tijolos à vista, de bem proporcionado neoclassicismo, situado em frente, no lado direito do jardim. Se caminhasse um pouco, talvez se sentisse atraído pela sensualidade dos nus que adornavam o monumento a Ramos de Azevedo, defronte ao prédio, mas jamais pensaria em subir as escadas e conhecer o que poucos sabiam ser a Pinacoteca do Estado de São Paulo. E, caso subisse, seria transportado para um Brasil de ontem, perdido em meio à profusão de quadros acadêmicos, algumas esculturas, até instrumentos de trabalho dos artistas. Sobretudo se perceberia muito sozinho, que os visitantes quase nunca faziam ranger as taboas de seu assoalho.

Hoje tudo mudou. O monumento a Ramos de Azevedo foi parar na Cidade Universitária, a Pinacoteca sofreu uma remodelação total de instalações e conceitos, até uma estação de metrô a ganhou, a da Luz, firmando-se como um dos espaços mais ativos da Cidade. Ressalve-se, sem abdicar de seus acadêmicos, porém integrando-os numa amostragem da pintura brasileira do século passado à contemporaneidade. Vale à pena conhecer esse museu que, além de tudo, desloca o eixo cultural paulistano um pouco para a Zona Norte, formando com o Museu de Arte Sacra a recém-inaugurada Oficina Três Rios e outras entidades um pólo de interesse. Para quem quiser, nada mais fácil, é lá na avenida Tiradentes, 141, e está aberta de terça-feira a domingo, das 14 às 19 horas, com entrada franca.

Quando alguns jovens fizeram a Semana de Arte Moderna de 22, a Pinacoteca do Estado já estava a caminho dos 20 anos. Era o primeiro museu de arte de São Paulo e estava vinculado ao Liceu de Artes e Ofícios, resultado direto daqueles que defendiam o direito à formação escolar primária para todos, ministrando também gratuitamente conhecimentos de artes e ofícios. A Pinacoteca do Estado foi inaugurada em novembro de 1905 e tinha entre seus fundadores o poeta José de Freitas Valle, Sampaio Viana e os engenheiros Adolfo Pinto e Ramos de Azevedo, responsável pelo projeto do edifício do museu, que ficou para sempre sem a cúpula central prevista em sua planta.

Apenas uma sala

Quem hoje percorre as diversas salas que se apresentam em semicírculo a partir do belo saguão, onde está a *Porteuse de Parfum*, de Brecheret, ladeada por duas telas de Almeida Júnior, saiba que no início tudo se restringia a uma sala e que o começo efetivo da nova instituição foi em 1911, quando se promulgou a lei que definia as diretrizes do museu público. O primeiro artigo talvez explique o tom de anarquia estética de seu acervo nuclear. "A Pinacoteca do Estado é destinada a receber quaisquer obras de arte, de autores nacionais ou estrangeiros, que serão cuidadosamente conservados para a exposição permanente ao público." Como idéia do ecletismo vigente, basta que se diga que já esteve em exibição um trabalho de Rembrandt sobre papel, sem nada a ver com o restante das obras.

A I Exposição Brasileira de Belas-Artes contribuiu para o enriquecimento do acervo, incorporando peças assinadas por Lucílio de Albuquerque, Benedito Calixto, Antônio Parreliras, Oscar Pereira da Silva, Pedro Weingartner, João Batista da Costa, Eliseu Visconti e outros mestres. Seguiram-se mostras coletivas e individuais, mas a Pinacoteca permaneceria ligada ao Liceu até 1921, passando por anos nebulosos como os de 1930 e 1932, com revoluções e contra-revoluções. A coleção de telas e esculturas, que abrigava também obras de "pensionistas" do Estado como José Wash Rodrigues, Brecheret, Anita Malfatti e outros, foi dispersada por várias repartições públicas, pe-

rambulando pela cidade até retornar ao prédio inacabado da Luz em 1947.

Dos anos 30 até meados dos 60, o que se viu foi uma Pinacoteca desatenta com os rumos da arte e da própria museologia, embora empreendesse exposições circulantes pelo interior do Estado, que, se ilustraram uma ou outra pessoa, contribuíram para definir algumas pinturas. O jornalista e crítico Delmiro Gonçalves começou a colocá-la nos trilhos do século XX, comprou e aceitou doações, iniciou as reformas do prédio. Walter Wey veio em seguida, concluiu as reformas, restaurou obras e a reabriu. A crítica Aracy Amaral sucedeu Wey e procurou preencher as lacunas da coleção e tornar o museu um centro cultural ativo, através de

o interventor Macedo Soares e o legado da família Julieta Bueno de Andrade Noronha. O catálogo de 1914 mencionava 86 peças de pintura, enquanto em 1981 eram 894, mais centenas de esculturas, desenhos e gravuras. Hoje reúne por volta de 3.500 itens, apenas 10% expostos, oferecendo um roteiro que parte obviamente dos acadêmicos. Veja sem preconceitos e poderá enxergar muita beleza em "Rua de Túnis", de Georg Grimm; "Marinha (Niterói)", de Nicolau Antonio Facchinetti; "Quaresmas (Petrópolis)", de João Baptista da Costa.

La Faiseuse d'Anges, de Weingartner, é quase uma história em quadros de tom negro; "O Violeiro", de Almeida Júnior,



Pinacoteca do Estado

cursos, um coral para adultos, um centro de criatividade para crianças e adolescentes e tantas outras iniciativas.

O acervo brasileiro

À mixórdia inicial, pouco a pouco se contrapôs um acervo de artistas brasileiros, destacando-se a doação Henrique Bernardelli, a grande coleção de Pedro Alexandrino, o lote de Almeida Júnior consignado pe-

preocupa-se com o tom brasileiro; "A Providência Guia Cabral", de Eliseu Visconti, apresenta cores quentes numa alegoria histórica; "Cabeça", de Lucílio de Albuquerque, é quase impressionista; "A Moça do Chapéu Verde", de Tullio Mignagni, que também foi diretor da Pinacoteca, é de sábia composição cromática. Os modernistas vêm a seguir, e aí está o célebre "Tropical", de Anita Malfatti, um raro Lasar Segall fora do museu que leva seu nome, "Bananal", a síntese de Tarsila do Amaral em "São Paulo"; a irreverência de Flávio de Carvalho em "Ascensão Definitiva de Cristo", um Portinari de força em "O Mestiço". Um pequeno salto no tempo e se chega à Família Artística Paulista, Clóvis Graciano, Reboló e outros.

Outro salto e surgem os concretos e neoconcretos como Valdemar Cardoso, Hermelindo Flaminghi, Lygia Clark, Amílcar de Castro, Lothar Charoux, Luis Sacilotto, Franz Weismann. Entre os abstratos, a obra de Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Maria Leontina, Arcangelo Ianelli, o mestre Alfredo Volpi (que a gosto pode ser colocado tanto como figurativo como abstrato geométrico). A explosão pop está na Pinacoteca em quadros de Antonio Dias, Antonio Henrique Amaral e Marcello Nitsche, prosseguindo-se a amostragem com valores jovens como Gregório Correa e Lygia Okumura. Como arremate e símbolo vivo da irreverência, "Porco Empalhado", com o qual Nelson Leirner chocou o júri do IV Salão de Arte Moderna de Brasília, em 1967. Talvez um sinal do quanto mudou a Pinacoteca do Estado, que hoje enfatiza o aspecto de arte-educação e arte-pesquisa, com objetivos definidos e integrados à vida cultural da comunidade. Palavras de Aracy Amaral.



Fantasiado II, Mário Gruber



Cavalo (quadro fendido), Amílcar de Castro



Alternado I, Hermelindo Flaminghi



La porteuse de parfum, escultura de Brecheret